

## O Livro e a América

**Castro Alves**

Enviado por:

Publicado em : 21/07/2011 13:30:56

### O Livro e a América

Talhado para as grandezas,

Pra crescer, criar, subir,

O Novo Mundo nos músculos

Sente a seiva do porvir.

— Estatuário de colossos —

Cansado doutros esboços

Disse um dia Jeová:

"Vai, Colombo, abre a cortina

"Da minha eterna oficina...

"Tira a América de lá".

Molhado inda do dilúvio,

Qual Tritão descomunal,

O continente desperta

No concerto universal.

Dos oceanos em tropa

Um — traz-lhe as artes da Europa,

Outro — as bagas de Ceilão...

E os Andes petrificados,

Como braços levantados,

Lhe apontam para a amplidão.

Olhando em torno então brada:

"Tudo marcha!... Ó grande Deus!

As cataratas — pra terra,

As estrelas — para os céus

Lá, do pólo sobre as plagas,

O seu rebanho de vagas

Vai o mar apascentar...

Eu quero marchar com os ventos,

Corn os mundos... co'os

firmamentos!!!"

E Deus responde — "Marchar!"

>

"Marchar! ... Mas como?... Da Grécia

Nos dóricos Partenons

A mil deuses levantando

Mil marmóreos Panteon?...

Marchar co'a espada de Roma  
— Leoa de ruiva coma  
De presa enorme no chão,  
Saciando o ódio profundo. . .  
— Com as garras nas mãos do mundo,

— Com os dentes no coração?...  
"Marchar!... Mas como a Alemanha  
Na tirania feudal,  
Levantando uma montanha  
Em cada uma catedral?...  
Não!... Nem templos feitos de ossos,  
Nem gládios a cavar fossos  
São degraus do progredir...  
Lá brada César morrendo:  
"No pugilato tremendo  
"Quem sempre vence é o porvir!"

Filhos do sec'lo das luzes!  
Filhos da Grande nação!  
Quando ante Deus vos mostrardes,  
Tereis um livro na mão:  
O livro — esse audaz guerreiro  
Que conquista o mundo inteiro  
Sem nunca ter Waterloo...  
Eólo de pensamentos,  
Que abrira a gruta dos ventos  
Donde a Igualdade voou...

Por uma fatalidade  
Dessas que descem de além,  
O sec'lo, que viu Colombo,  
Viu Guttenberg também.  
Quando no tosco estaleiro  
Da Alemanha o velho obreiro  
A ave da imprensa gerou...  
O Genovês salta os mares...  
Busca um ninho entre os palmares  
E a pátria da imprensa achou...

Por isso na impaciência  
Desta sede de saber,  
Como as aves do deserto  
As almas buscam beber...  
Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,

É chuva — que faz o mar.

Vós, que o templo das idéias  
Largo — abris às multidões,  
Pra o batismo luminoso  
Das grandes revoluções,  
Agora que o trem de ferro  
Acorda o tigre no cerro  
E espanta os caboclos nus,  
Fazei desse "rei dos ventos"  
— Ginete dos pensamentos,  
— Arauto da grande luz! ...

Bravo! a quem salva o futuro  
Fecundando a multidão! ...  
Num poema amortalhada  
Nunca morre uma nação.  
Como Goethe moribundo  
Brada "Luz!" o Novo Mundo  
Num brado de Briaréu...  
Luz! pois, no vale e na serra...  
Que, se a luz rola na terra,  
Deus colhe gênios no céu!...

Castro Alves

Do livro: "Poetas Românticos Brasileiros", vol. I, Editora Lumen, SP, s/ano